

O Rumo da literatura negra¹

A literatura, como índice da cultura dum determinado agrupamento humano, só pode ser compreendida na medida em que se torna possível a limitação e isolamento desse grupo, permitindo-se deste modo o conhecimento da sua índole social, das tendências psicológicas e mesmo das suas realizações materiais.

Partindo deste princípio e para compreendermos a literatura negra, devemos conhecer primeiro que indivíduos para ela contribuem, a fim de evitar a confusão de conceitos que actualmente se faz ao referirmo-nos aos negros, grupo aliás difícil de limitar em virtude das divergências de pontos de vista existentes quer sob o aspecto sociológico, quer ao considerar o critério étnico. Incapazes, pois, de encontrar definição adequada para os indivíduos que vamos considerar, encará-los-emos apenas dentro do quadro social-literário em que se desenvolvem ou a que se adaptaram.

Incluir neste grupo todos os indivíduos de cor, negros ou seus descendentes e apenas por este motivo, seria um erro porquanto, embora a sua cor, muitos deles – por qualquer motivo; a educação, por exemplo – não possuem aquele mínimo de cultura *africana* para serem encarados dentro deste sector literário, mesmo quando observamos a multiplicidade da vida actual. Escritores que não traduziram nenhum aspecto *negro* na sua obra, melhor serão enquadrados nas correntes literárias dos países ou povos cuja cultura reflectem. O reticente Machado de Assis é um exemplo. Gonçalves Crespo outro.

Adoptando o mesmo critério consideramos integrados na literatura negra as obras daqueles autores que de alguma forma reflectem a maneira de ser dos povos negros, os seus sentimentos, os seus processos de reacção; sendo este reflexo não apenas uma *tradução*, mas uma verdadeira *identificação*. Assim, não incluímos aqui aquelas obras “bem intencionadas” de escritores que, à caca de pitoresco ou para inspirar piedade enfileiram no negrismo. *A cabana do pai Tomas* ou os poemas de Jorge de Lima não pertencem à literatura negra. Tão pouco a desconcertante *literatura* colonial que por vezes extasia os europeus como crianças num jardim zoológico. Mesmo os negros que encarreiraram pelas puras ideias europeias são excluídos do campo literário que nos ocupa. Rui de Noronha, negro moçambicano é, literariamente, apenas um poeta português,

mesmo ao tomarmos conhecimento do seu poema “Surge et Ambula”, dos poucos em que ele se apercebe da existência da África.

Não cremos, como W. Somerset Maugham, “que possamos conhecer ninguém a fundo, a não ser os nossos próprios compatriotas. Pois os homens não são somente eles; são também a região onde nasceram, a fazenda ou o apartamento da cidade onde aprenderam a andar, os brinquedos que brincaram em crianças, as lendas que ouviram dos mais velhos, a comida de que se alimentaram, as escolas que frequentaram, os desportos em que se exercitaram, os poetas que leram e o Deus em que acreditaram. [...] E essas coisas [...] só pode conhecê-las quem é parte delas.”²

Para que a determinada obra literária se atribua nacionalidade é necessário que ela se baseie na vida dos representantes dessa nacionalidade. E para que isso seja possível é necessário que o autor tenha conhecimento da vida dos seus elementos constituintes. Ora, o conhecimento dos negros, actualmente, não está ao alcance de todos os autores rotulados de negros. Conhecer, neste caso, não é apenas coleccionar percepções sensoriais é ainda ter uma noção da parte psíquica dos homens, é ainda assumir certa atitude afectiva. Este conhecimento só o tem quem é capaz de se identificar psicologicamente com a maioria dos indivíduos do seu grupo para poder sentir como eles, os incidentes do dia a dia e as manifestações de carácter cultural ou material.

Não sabemos, por exemplo, até que ponto os indivíduos de cultura puramente europeia podem entender o poema “Sabás”, de Nicolás Guillén. Seguindo a nossa maneira de ver, o verso “Porqué Sabás, la mano abierta?” exige, não só a intervenção da inteligência, mas a identificação com Sabás para podermos reprovar em cada negro, com essa ternura insinuante de Guillén, a inconsciência da atitude de “mão aberta”. Só um profundo conhecimento, não desligado da experiência, e a aceitação insofismada da realidade do nosso mundo pode ajudar a apreender a latitude daquele verso; a submissão psicológica, aparente ou não, do negro da rua, ou o “arrivismo flagrante do negro beneficiado pelo poder, pela cultura ou pela riqueza”³ – ou seja: a atitude de “mão aberta”.

★

Porém, o conhecimento do negro, tem sido prejudicado pelas condições da sua vida desde o século XVI.

O seu contacto com o europeu ficou marcado com um acto violento – a conquista. Depois, outros actos não menos violentos o forçaram a ir exercer um papel

essencial na edificação dos países das Américas, como esclarece Gilberto Freyre⁴ e a manter-se até hoje na sua situação de inferioridade perante os outros povos, ante a impossibilidade de educação em larga escala e as dificuldades na vida social dos países que habitam, além de outras razões que não importa trazer aqui.

Para R.P. Aupiais⁵ é nestes actos violentos que reside a base de preconceitos de cor. Mas nós não desejamos encarar a questão sob este aspecto, para não nos afastarmos do nosso objectivo.

Estas violências determinaram a submissão do negro, que por vezes se traduz em desejo de penetrar com direitos de cidade na cultura europeia e na sua vida social, umas vezes com persistência consciente e outras com franco desespero ante a intransigência branca. E grande parte das obras literárias “verdadeiramente negras” reflecte com maior ou menor evidência este estado de espírito – orgulho ofendido, ambições frustradas, desejos irrealizados, impotência. Literatura de sensibilidade, acima de tudo, por vezes autênticos muros de lamentações sem consequências construtivas.

Os povos negros atravessam o seu período de confusão, por terem abandonado de chofre a sua cultura, modificando totalmente o sistema de vida em uma ou duas gerações, para adquirir uma cultura europeia e estruturada sobre bases frágeis. Esquecendo-se e ao seu povo, para pretender ingressar definitivamente na civilização europeia em que os seus instrumentos lhe são cruelmente sonogados, o negro experimenta, a par da frustração, uma fase ainda mais prejudicial para a sua personalidade, do que as chacinas no campo de batalha ou o chicote da escravidão declarada.

Hoje, negros conscientes já encaram os seus problemas de modo racional. O desejo de reencontrar a sua cultura perdida ou esquecida é dos sintomas mais animadores. Os movimentos culturais de negros que se vão estabelecendo nas Américas e na África, especialmente de cultura francesa, são sinais desejáveis para que estes povos se encontrem e continuem o seu rumo na história da humanidade.

Creemos que destes movimentos sairá a falange de escritores capaz de carrear definitivamente a literatura negra para o seu verdadeiro rumo.

★

A literatura é um reflexo da vida social dos povos e da estrutura histórica que a suporta. Não é este reflexo, porém, que encontramos em muitos escritores negros antigos e em alguns modernos, que se deixam arrastar pelas correntes literárias da Europa. Estes são, para empregar uma expressão corrente, os

escritores “apesar de” negros. Assim é Costa Alegre, o negro santomense de quem não conhecemos sobre a sua raça senão algumas frases poéticas que, ao lado da sua importante obra, parecem mais produtos dos momentos de distração do poeta. Esta característica, de certo modo paradoxal, dever-se-á à falta de consciência de povo ou então a um egoísmo tal que torna impossível a manifestação daquela “personalidade humana” que irradia, por exemplo, do “Batouala”, de René Maran.

Conhecemos, das obras de alguns autores europeus que viveram ou vivem em terras de regime colonial, aquele género de livros de exportação em que os homens nos aparecem como brinquedos coloridos para servirem de distração aos apreciadores de literatura açucarada. Da África e do negro mostram aquilo que para o europeu é exótico, quando não os salpicam de frases mal intencionadas.

Pois esta literatura de fundo mistificado – coisa espantosa! – conta negros entre os seus autores, tal a perversão psicológica causada pelo lirismo doce, nos caminhos do esteticismo puro e... insequente. Talvez a esperança duma diluição psicológica na cultura europeia, para esquecer a sua origem cultural os animasse a produzir obras desta qualidade – o que seria uma solução para o seu drama pessoal. Mas caíram na incoerência de se enganarem a si mesmos, o que é inocente e estúpido.

No panorama actual da literatura negra, tende a desaparecer este desencontro entre o escritor e a sua obra. E ainda bem, para todos nós. A realidade dos povos negros deve ser encarada sem a cobertura de remendos convencionais, num contributo para a sua elevação cultural.

Só assim podemos tomar a literatura, no sentido em que J. Paul Sartre⁶ vê a poesia negra: “La poésie nègre est évangélique, elle annonce la bonne nouvelle: la négritude est retrouvée”.

★

Ao consumir-se o acto violento a que atrás nos referimos, os negros viram-se destituídos do bem mais precioso dum povo: a língua. Ainda que seja empregada pela maioria (em África), ela deixou de ser instrumento útil no contacto com a civilização europeia e, praticamente, não é usada nem mesmo conhecida por aqueles que a terminologia colonial rotulou de evoluídos ou assimilados.

Assim, os negros falam e escrevem a língua dos países em cujos territórios vivem, como todos sabem. As suas obras literárias têm sido escritas principalmente em francês e inglês. Notemos a existência de um importante núcleo

literário em Dakar, talvez como eco do trabalho de L. Sédor Senghor em Paris e onde se salienta a acção de Diop.

A literatura negra não é conhecida da maioria dos negros, já por virtude da incultura que, para pesar nosso, ainda abarca percentagens elevadíssimas, já pela dificuldade que há nos iniciados na leitura, de entenderem uma língua que não beberam com a leite materno, embora a acessibilidade dos modernos. Cremos que os escritores do futuro criarão novas formas de expressão, ao sofrerem a influência do povo quando trabalharem in loco. Essas formas ainda não apareceram. De resto hoje escreve-se menos para os negros do que para os brancos, como se depreende.

Por outro lado, não existem traduções para as línguas nativas, o que ajudaria a difusão do livro, com consequências benéficas, até mesmo no respeitante à propagação das técnicas e de noções científicas.

Ainda que evidente esta impossibilidade expressional, que afasta o escritor do seu povo, o homem negro vai deixando de figurar na literatura como vítima passiva, no intuito de condenar as organizações sociais que lhe entram o desenvolvimento – como o vemos ainda em Richard Wright – para tomar já a figura de homem com certeza no olhar para o futuro, como o encontramos em Langston Hughes, em Aimé Césaire e em outros.

Assim se vai precisando cada vez mais a identificação entre o escritor “como” negro e o negro “como” homem.

A influência das modernas tendências literárias é evidentíssima nos autores negros, e não admira que assim seja, pois é em escolas europeias que eles se formam, regra geral; mas essa influência não é o único factor que imprime novas directrizes à nossa literatura. Esse novo ritmo, esse novo humanismo que se vai afastando do tipo de reacção pura e que entenece numa antegozo de melhores dias para a humanidade é o anúncio do renascimento do negro para a alma negra.

Se houver – como é de esperar – um aumento do nível de instrução e se fosse possível traduzir para as línguas Africana as grandes obras literárias, muitas possibilidades haveria de ver os rumos da literatura negra, mais acentuadamente dirigidos para o seu povo onde, inevitavelmente, deve ir buscar os motivos de inspiração e exercer a sua função – que é a de toda a Arte – a consciencialização dos povos ante os seus problemas e os do mundo.

Cremos que o rumo da literatura negra está traçado nesse sentido.

Março de 1951

Agostinho Neto

NOTAS

1. Fundação Mário Soares, Arquivo Mário Pinto de Andrade, 04354.005.003. <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04354.005.003>

Publicado com a autorização da Fundação Agostinho Neto. O texto manuscrito foi transcrito e editado por Mario Pereira. Um agradecimento especial ao Pires Laranjeira e à Diana Simões pela ajuda.

2. *O Fio da Navalha*, Ed. Globo, p. 11.
3. Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala*, 5ª edição, p. 717.
4. *Idem*.
5. In “L’Homme de couleur”
6. Léopold Sédar Senghor, “Prefácio”, *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française*, p. XV.